
TROPEIROS DE PORCOS: A IMPORTÂNCIA DOS PORCADEIROS E DA SUINOCULTURA NA FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DE PITANGA (PR)

Pig Drovers: The Significance of *Porcadeiros* and Pig Industry in The Sociospatial and Socioeconomic Formation of Pitanga (PR)

Nilson Cesar Fraga
Coordenador do Laboratório GEOTMAC-UEL
nilsoncesarfraga@hotmail.com

Mateus Galvão Cavatorta
Graduando em Geografia – UEL
mateuscavatorta@hotmail.com

Cleverson Gonçalves
Mestrando em Geografia – UEL
kevo_goncalves@hotmail.com

Artigo recebido em 25/08/2016 e aceito para publicação em 23/12/2016

DOI: 10.12957/tamoios.2017.25257

Resumo

O objetivo central neste artigo é contribuir com o estudo da criação de porcos e dos porcadeiros na formação socioeconômica de Pitanga, no estado do Paraná. Como o tropeirismo é um dos elementos que fizeram parte da formação socioespacial de muitas cidades brasileiras, buscou-se demonstrar as definições desse conceito de acordo com alguns autores, como um primeiro momento do texto. Posteriormente as tropas foram caracterizadas, por meio da alimentação dos porcadeiros, suas vestes, a hierarquia e as diferentes funções existentes entre os integrantes, as dificuldades encontradas ao longo dos caminhos tropeiros, entre outros aspectos. Foram explicados também o modo como era realizado a criação de porcos e as tropeadas para sua comercialização. A metodologia utilizada baseou-se na utilização de referências que tratam do tema, além do trabalho de campo realizado no município de Pitanga, onde foram realizadas entrevistas com pessoas que estiveram vinculadas com a criação de porcos.

Palavras-chave: Porcadeiros; criação de porcos; formação socioeconômica; Pitanga/PR.

Abstract

The main objective of this article is to contribute to the study of pig and porcadeiros the socioeconomic formation of Pitanga, State of Parana. As the tropeirismo is one of the elements that were part of the socio-spatial formation of many Brazilian cities, sought to demonstrate the definitions of this concept according to some authors, as a first point of the text. Later the troops were characterized by feeding porcadeiros, his clothes, the hierarchy and the different functions among the members, the difficulties encountered along the drovers roads, among others. It was also explained how it was done to create pigs and tropeadas for marketing. The methodology used was based on the use of references that deal with the subject, in addition to fieldwork in the city of Pitanga, which was conducted interviews with persons who were formerly linked with the creation of pigs.

Keywords: Drovers pigs; raising pigs; socioeconomic formation; Pitanga/PR.

INTRODUÇÃO

A primeira fase importante de acumulação de capital em Pitanga, cidade localizada na região Centro-Sul do Paraná, incorporou o ciclo da erva-mate no início do século XX e se estendeu até a década de 1930. Um segundo momento do crescimento econômico da região inicia-se a partir da década de 1940, impulsionado pelo ciclo do tropeirismo. Nesse período, a região direcionou-se à invernagem e engorda do gado, transportado pelos tropeiros para serem comercializados em Ponta Grossa, assim, Pitanga e a região que a congrega geograficamente estavam envolvidas na produção de erva mate e do tropeirismo, na primeira metade do século em questão.

Com o declínio da erva mate e das safras de porco a partir de 1960, a exploração da madeira passou a ser a principal atividade econômica da região, especialmente o pinheiro (*Araucária angustifolia*) pela abundância desta vegetação na região. Mas há que se considerar que estes períodos estiveram sempre interligados, porém, em determinados momentos predominou-se um deles como destaque, sem que os demais deixassem de existir.

Diante de tais constatações, enfatiza-se que, de modo geral, a economia da região onde se localiza Pitanga esteve sempre associada a exploração de algum recurso ligado a natureza, que foi utilizada muitas vezes de forma predatória e rudimentar. Neste trabalho, a preocupação central foi evidenciar a importância da criação de porcos e dos tropeiros para a formação socioeconômica de Pitanga no conjunto regional.

Como o tropeirismo é um dos elementos que fizeram parte da formação socioespacial de muitas cidades brasileiras, buscou-se a compreensão desse conceito e o de espaço geográfico, como marco teórico para se dar base de entendimento sobre os elementos componentes da dinâmica regional e do município estudado. Adiante, procurou-se caracterizar as tropas, descrevendo a alimentação dos tropeiros, suas vestes, a hierarquia e as diferentes funções existentes entre os integrantes, assim como as dificuldades encontradas ao longo dos caminhos tropeiros, dentre outros aspectos e, posteriormente, se estudou o modo como era realizada a criação de porcos. A metodologia utilizada baseou-se na utilização de referências que tratam do tema, além de trabalho de campo realizado no município de Pitanga, onde foram realizadas entrevistas com pessoas que estiveram vinculadas com a criação de porcos, levantados dados secundários em arquivos públicos e particulares, além de fazer reconhecimento em sítios no interior do município onde, no passado, se realizava a criação de porcos.

O TROPEIRISMO COMO ELEMENTO DE FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL

Para entender a relevância de um elemento social na paisagem, - que no contexto desta pesquisa seria o tropeiro -, necessita-se de uma breve reflexão teórica-conceitual sobre as atividades humanas que estruturam espaços como elementos sociais numa determinada área.

Primeiramente, é fundamental a conceituação de espaço e, para isso, é conveniente citar Santos (1997, p. 51), que concebe o espaço

[...] formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. Os objetos, enquanto herança da história natural e resultado da ação humana que se objetivou, representam tudo o que existe na superfície terrestre. Enquanto que, as ações resultam de necessidades naturais ou criadas (materiais, imateriais,

econômicas, sociais, culturais, morais ou afetivas), que conduzem os homens a criar e utilizar os objetos.

Para o mesmo autor, o espaço precisa ser considerado como totalidade: conjunto de relações realizadas por meio de funções e formas apresentadas historicamente por processos tanto do passado e se chegando até o presente. No começo era natureza selvagem, formada por objetos naturais que, ao longo da história, vão sendo substituídos por objetos fabricados pelo trabalho social. Pela presença desses objetos artificiais - fábricas, fazendas, estradas e caminhos, cidades -, o espaço é marcado por esses acréscimos construídos pela atividade humana, modificando a natureza primitiva, dando lugar a uma “segunda natureza”. (SANTOS, 1996).¹

Surgido a partir de contradições econômicas e sociais, o tropeirismo fez-se uma atividade socioeconômica importante para Pitanga e região, territorializando-se em pequenas propriedades rurais, quando diz respeito a criação de porcos e, em grandes propriedades, quando associado a criação de gado, gerando até os dias atuais coerências colidentes que cunham, de um lado, o poder do grande capital da terra, e, do outro, os pequenos produtores que a eles estão ligados sendo, inclusive, refreados aos seus conselhos – em suma, a lógica da terra no Brasil e na região, são seculares, tais como seus reflexos históricos e geográficos.

Para uma melhor compreensão dos temas propostos neste trabalho, organizou-se o debate da conseqüente configuração, num elementar andamento aborda-se a visão Miltoniana de formação socioespacial para que se tenha uma apreensão mais ontológica da ideia alvitada por Milton Santos. A partir da ponderação a propósito da constituição da formação socioespacial num sentido mais dilatado dentro da epistemologia da ciência geográfica, recai-se sobre o processo histórico e geográfico da formação socioespacial do Brasil levando em atendimento a teorização de Santos e Silveira ([2001] 2012), considerando que eles constituíram um arranjo da categoria de formação socioespacial, que inicialmente, é abordada por Santos (1977) no sentido ontológico, prezando assim, pela concepção do espaço geográfico em sua plena totalidade, e, em seguida para o caso da formação do território usado (todo território) do Brasil. Com o processo de formação socioespacial no transcurso de seu trajeto até a contemporaneidade, o País foi configurando especificidades territoriais, assim como, regionais, ocasionando desta configuração, retalhos e reconfigurações geográficas.

Santos (1977, p. 81) estabelece que,

se a Geografia deseja interpretar o espaço humano como o fato histórico que ele é, somente a história da sociedade mundial, aliada à da sociedade local, pode servir como fundamento à compreensão da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem. Pois a História não se escreve fora do espaço, e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social.

Quão demonstrado em Santos (1977 e [1978] 2004), a Geografia não pode descuidar do papel do espaço em suas ponderações, desta forma, se faz fundamental abarcar os rudimentos que o desenvolvem e que no decorrer do tempo irão determinando reconfigurações. A partir disso abarca-se que uma formação que é socioespacial (segunda natureza), o espaço geográfico (todo) passa a ser especializado, admitindo desta atitude no correr do tempo, distintas constituições de regiões e de territórios. Os retalhos em díspares escalas e com dessemelhantes acuidades e temporalidades irão recheando-o de dinamismo numa oscilação constante.

Assim, em se considerando a formação socioespacial, as fragmentações no espaço são admissíveis de serem abarcadas. As fragmentações - regiões e territórios -, elucubram

o processo histórico e geográfico das relações que conformam a matriz vinda de suas solidificações, como permite refletir Rasffestin (1993) ao confirmar o papel do espaço como uma condição embrionária para os demais processos.

Como o tropeirismo é um elemento presente na formação socioespacial de muitas cidades brasileiras, torna-se necessário a compreensão desse conceito e dessa forma de agir e de construir territórios e, mesmo, regiões. Para isso, é conveniente citar Endlich (2009), que também se ampara na conceituação de Milton Santos:

Em sua formulação, Santos considera que se a Geografia deseja interpretar o espaço humano como fato histórico, é a partir da história da sociedade mundial, aliada à da sociedade local, que se encontra o fundamento à compreensão da realidade espacial e de sua transformação a serviço do homem. Ele propõe uma análise geograficamente articulada entre as diversas escalas. Santos deriva essa categoria da formação econômica e social da teoria marxista, expondo que ele trata da evolução diferencial da sociedade (ENDLICH, 2009, p. 55).

Complementando a discussão sobre a organização espacial, é pertinente citar Fraga (2011), onde o autor ressalta que

A produção do espaço é ação cotidiana do homem e aparece na forma de ocupação de um determinado lugar em momento histórico, em que a produção da cidade, por exemplo, aparece como manifestação espacial dos conflitos de interesses dos diversos agentes presentes nesse processo, associado ao desenvolvimento capitalista. (FRAGA, 2008, p.73)

A ação cotidiana e continua dos tropeiros de porcos, a exemplo do que fora citado anteriormente, transformou os caminhos por meio de relações sociais e econômicas em contínua co-presença. Estas relações regularizam a convivência entre os moradores ao longo da estrada e da região por intermédio de uma integração *pacífica* de todas as partes, com certo reconhecimento mútuo para os seus respectivos papéis, ou em forma conflituosa, como se observa, às vezes, entre caboclos e fazendeiros ou entre índios e fazendeiros. Neste cenário desenvolve-se uma regionalização social que não depende tanto dos espaços físicos, mas basicamente dos espaços sociais que organizam e regularizam os recursos autoritativos dentro do sistema. Ou seja, são regras e leis que organizam os atores em grupos formados por relações de poder, vivendo em função da instalação, dominação, reprodução e legitimação da estrada das tropas. (KNOBLAUCH, 2007)

INDIVIDUALIZANDO OS PORCADEIROS – O TROPEIRO DE PORCOS

A palavra tropa possui várias designações, tais como: multidão de pessoas reunidas; conjunto de soldados ou caravanas de animais de carga, sendo que em algumas regiões do Brasil, o sentido tornou-se apenas a designação de uma grande quantidade de animais. Diante à conceituação de tropa, os “tropeiros” se definem como os homens que transportavam, regularmente, manadas de gado *vacum*, cavalos ou mular - as tropas - do seu lugar de criação (região sul do Brasil, no caso estudado) até os locais de consumo (estados centrais do Brasil, ou cidades importantes da região Sul do Brasil, onde se desenvolveu essa pesquisa), além de variados produtos, mercadorias e informações. (ALBINO, 2001)

Ao longo dos caminhos, o tropeiro assumia funções sociais além da atividade econômica quando cumpria o papel de mensageiro, correio e caixeiro-viajante, por

exemplo. Eram correios políticos, quando levaram as mensagens dos conservadores e liberais paulistas e fluminenses aos mais remotos cantos do Sul. Nas pousadas e nos galpões à noite, enquanto o chimarrão rodava, iam ouvindo a opinião “pública” local aprendendo causos para depois conta-los mais a frente, transmitindo, desta maneira, histórias contadas em outros lugares. Desta forma, faziam-se bons conversadores, sabendo ouvir e sabendo falar por sua vez, mas também estruturadores de um sistema de comunicação. (OLIVEIRA, 2000). Mas o deslocamento das tropas entre os campos sulinos às regiões de consumo era feito por trilhas inóspitas, repletas de dificuldades representadas pela vegetação densa em alguns trechos, topografia acidentada, chuvas intensas, além dos ataques dos índios e saqueadores. (STRAFORINI, 2001)

Diz-se que tropear era um “negócio” e um estilo de vida. “Tropeiros” eram aqueles indivíduos que selecionavam os homens para formar a comitiva - um grupo capaz de lidar com gado bovino e muar. Também escolhiam os animais - compravam, vendiam e negociavam preços -, além de controlar o dinheiro, cuidar da contabilidade e de, efetivamente, conduzir as tropas. Eram homens de negócio, empreendedores, tendo, muitos deles, juntado fortuna e ocupado cargos públicos de grande destaque na vida política regional e nacional. (ZUCCHERELLI, 2008)

O tropeiro propriamente dito era o dono do negócio, dos animais que ele punha em marcha com os seus camaradas. Podia não ser o único dono, mas tinha algum capital empregado nesta atividade, alguma participação, como, por exemplo, comandar a transação e a viagem. Por isso, chefiava, decidia. (TRINDADE, 1992, p. 38)

Além dos animais, a tropa era constituída por um grupo de homens que executavam diversas tarefas. Albino (2001, p.26) ressalta que durante o processo de coleta de dados para sua pesquisa, foi possível verificar várias categorias de tropeiros:

- o de **carga viva**, que era o tropeiro de gado, mula, cavalo, porco e perus;
- o de **secos e molhados**, aquele que tropeava cargueiro e carreta (carroça);
- o **madrinheiro**, geralmente era um rapazinho que desempenhava essa função;
- o **guia**, que era o contratado por tempo determinado, para orientar as tropas em “caminhos desconhecidos”;
- o “**curador de rasto**” que ia junto com as tropas para curar os animais que adoeciam, com suas rezas (ensalmos);
- e o **domador**, que era aquele que amansava e domina os animais (de montaria) xucros.

É conveniente ressaltar a existência de uma ordem hierárquica de “importância” entre os integrantes, que podia ser percebido pelo poder que exerciam no meio. O tropeiro que era dono da fazenda e que chefiava a caravana, pertencia ao topo da hierarquia social. Em seguida vinha o tropeiro que era dono da tropa ou carga, porém não possuía uma fazenda. Depois vinha o “gerente”, que era o tropeiro que conduzia caravanas ou cargas de terceiros. Em geral, esta função era exercida pelo capataz do fazendeiro. Por fim, no mesmo patamar estavam: o guia, o “madrinheiro”, o “curador de rasto” e o domador. (ALBINO, 2001)

A veste comum dos tropeiros era calça e camisa de pano grosso e botas até os joelhos; os tocadores de lotes (personagens mais humildes), andavam descalços ou com simples alpercatas de couro; o chapéu era de abas largas, sendo a da frente, algumas vezes, presa à copa. Usavam ainda o facão sorocabano (largo e de ponta curva), a guaiaca (cinto de couro com divisões), o xiripá (grande faixa enrolada entre as pernas e que muitas vezes se reduzia a uma simples tira à volta da cintura). (TRINDADE, 1992)

A alimentação dos tropeiros era constituída por toucinho, feijão preto, farinha, pimenta-do-reino, café, fubá e coité (um molho de vinagre com fruto cáustico espremido). Nos pousos comiam feijão quase sem molho com pedaços de carne de sol e toucinho (feijão tropeiro) que era servido com farofa e couve picada. Bebidas alcoólicas só eram permitidas em ocasiões especiais, isso quando nos dias muitos frios tomavam um pouco de cachaça para evitar constipação e como remédio para picada de insetos. (BACH, 2010)

Os tropeiros de porcos, mais humildes do que os tropeiros tracionais de gado, cavalos e muare, mais conhecidos como porcadeiros, se diferenciavam do tropeiro convencional porque andavam “a pé e descalço”, tendo sido geralmente índios ou negros os que realizavam este tipo de tropeada. Apesar que esta observação não se comprova pelos relatos de pesquisadores da cultura cabocla e do tropeirismo de porcos, ela mostra que a regionalização imaginária do tropeirismo, no caso paranaense, apresenta-se por meio de uma tipologia animalesca e racial reunindo o tropeirismo de gado (bovinos, cavalos e mulas) com a cor branca, contra o tropeirismo dos porcos (e perus), associado “ao índio e o negro”, mostrando a segmentação da sociedade tropeira e as próprias contradições existente no mundo do trabalho tropeiro.

Baseando-se na análise de Albino (2001), é importante ressaltar que os indígenas também contribuíram para as atividades do tropeirismo, sobremaneira, ao ensinarem os tropeiros a sapear pinhão, ao abriam as rodas de chimarrão para os condutores de gado e, também, foram usados como mão de obra na abertura de picadas para a passagem de tropas de gado. Muitos trabalhavam como camaradas dos tropeiros por tempo determinado, servindo também de garantia para a defesa quando os condutores se sentiam “ameaçados” por povos indígenas arredios ao longo dos caminhos tropeiros.

A CRIAÇÃO DE PORCOS EM PITANGA E AS TROPEADAS – OS PORCADEIROS

A criação de suínos era comum no Brasil desde o período colonial. O consumo da carne de porco sempre foi largamente disseminado, sobretudo, na região sul do Brasil e a sua criação era uma atividade comercial em expansão desde as primeiras décadas do século XX. Como o mercado para o consumo de banha e outros derivados da carne de porco aumentava consideravelmente, a criação desses animais consolidou-se nas frentes de ocupação e colonização sulistas. (BACH, 2009)

No caso específico, com o declínio da exploração da erva mate em Pitanga, moradores da região passaram a desenvolver, com maior intensidade, atividades de forma extensivas de criação e engorda para comercialização da gordura animal, momento em que a banha de porco tornou-se um importante produto na região.

A criação de porcos se desenvolveu na região de Pitanga a partir dos anos de 1940 e se estendeu até os primeiros anos de 1960, que, por meio das tropeadas, estes eram levados para as cidades de Guarapuava, Ponta Grossa e Jaguariaíva, locais em se produzia a gordura animal e depois revendiam para outros mercados consumidores.

Os lucros obtidos pela exportação de porcos foi um dos principais fatores que contribuíram para o desenvolvimento de toda a região de Pitanga, conforme explica Favaro (2014, p. 25):

No começo da década de 1940 era o plantio de roças e a engorda de porcos a principal atividade econômica em toda a região, envolvendo principalmente os municípios de Pitanga, Palmital, Laranjal, Campina do Simão, Turvo, Santa Maria do Oeste, Roncador, Boa Ventura de São Roque, Mato Rico e Altamira

do Paraná. Esse fato demonstra a importância da suinocultura para fixar a população no espaço rural do município.

O fator que pode explicar a adoção da criação de porcos como atividade econômica é sua capacidade de conversão de seu alimento em carne e banha. Os porcos convertem cerca de um quinto do que comem em alimento para consumo humano, contra aproximadamente um vigésimo dos bois. Tal fato fez com que a criação de porcos fosse considerada muito vantajosa, por exigir menos manejo e pela variedade de produtos que são gerados por meio deles, como a banha, linguiça, toucinho, chouriço, torresmo, carne e demais derivados. (BACH, 2009, p. 32)

[...] a criação e comercialização de porcos foi uma atividade econômica de destaque na região centro-sul do Paraná. Ela movimentava a economia da região. Como era tudo sertão, quase não havia lavoura. Toda pessoa que possuía algumas criadeiras e tinha porcos para vender, garantia um bom dinheiro durante o ano. Em cada canto da região centro-sul do estado, grandes estruturas foram se formando, tendo os suínos como principal elemento articulador de negócios. A região de Pitanga durante muito tempo foi considerada a maior fornecedora de porcos para as fábricas de banha e frigoríficos de Ponta Grossa.

No início da atividade de criação de porcos na região de Pitanga, estes eram criados soltos na mata, comendo pinhão, gabioba, jeribá e outros alimentos nativos e existentes, sobretudo, na floresta de Araucárias. Por ser um animal onívoro, o porco encontra maior variedade de alimentos disponíveis nas florestas em comparação com os herbívoros bois, cavalos e mulas, criados nas áreas de campos. No caso dos porcos, esses comiam de tudo: frutos caídos, sementes, raízes, relva e qualquer animal pequeno. (MACEDA, 2005)

Com o passar do tempo, serrarias foram se instalando na região, derrubando a mata para a exploração da madeira, abrindo espaço para a plantação do milho, principal alimento que foi utilizado para a engorda dos porcos na época. A cultura do milho foi uma das grandes responsáveis, além da extração da madeira, pela rápida transformação na paisagem do território que antes era dominada pelas vastas florestas:

[...] as safras resultaram enormes áreas de desmatamentos para o plantio de lavouras, sobretudo do milho para a engorda dos porcos, praticados em grande parte em terras devolutas, que implicavam, inclusive, na derrubada de pinheiros e de outras madeiras de lei que acabavam calcinadas pelo fogo. Quando exaurida a fertilidade do solo pela frequência das roçadas e queimadas das capoeiras e pisoteio da porcada, nova área de mata virgem era aberta, para descanso da primeira assim sucessivamente, alargando-se dessa maneira os desmatamentos. Restavam nas tigueras os grandes troncos de imbuia, que seriam aproveitadas mais tarde já no ciclo da madeira por serrarias que por ali se instalavam. (Lima, 2014, p. 05)

A suinocultura conseguiu envolver muitos sujeitos e por esse motivo se tornou tão importante para a formação e organização do território pitanguense. Faziam parte desse circuito, os criadores de porcos (camponeses principalmente), safristas, compradores de porcos, porcadeiros (quem transportava os animais) e os frigoríficos.

Os camponeses eram responsáveis pela criação de suínos ainda magros. Estes eram comprados pelos intermediários ligados, ou não, com o safrista. Os safristas, após a compra dos suínos, transportavam os animais para as áreas onde estava a sua plantação de milho e lá os animais eram soltos para que engordassem. O safrista na época era

conhecido como o homem do dinheiro, pois, além da compra dos suínos era ele que financiava a derrubada da mata e a plantação do milho. Assim, durante os meses de março e abril, estes percorriam o sertão comprando porcos magros para a engorda. (PAULA, 2015)

O porcadeiro era o trabalhador responsável pelo transporte dos animais até os grandes frigoríficos para serem comercializados. O tropeiro de porcos foi um agente muito importante no crescimento econômico de Pitanga, pois era ele que possibilitava a relação econômica entre a população do município com mercado a fora, transportando as mercadorias, principalmente, até a feira de Ponta Grossa, para serem vendidos. Em uma época de estradas em péssimas condições, na realidade longos picadões pelas matas e campos, o tropeiro foi um fator primordial e de grande importância para o deslocamento de mercadorias, informações e para a ligação econômica entre várias regiões do estado do Paraná. (PAULA, 2015)

Esse transporte era feito no sistema de tropeadas, onde cada tropeiro era responsável por grupos de cerca de cem porcos. A tropeada, entre Pitanga e Ponta Grossa, onde eram vendidos os porcos para frigoríficos, durava cerca de 40 a 60 dias. A tropa de porcos é considerada uma das mais difíceis para conduzir segundo os tropeiros. Tal dificuldade encontra explicação no modo como os animais eram criados, crescendo livres e soltos pelas pastagens. Sendo assim, eram muitos eram selvagens, tornando o trabalho mais difícil. Restava aos tropeiros duas saídas para solucionarem os problemas - a primeira era costurar as pálpebras dos animais mais agitados e a segunda, consistia em pingar gotas de creolina nos olhos para que permanecessem alguns dias sem enxergar. Após essas medidas, os animais se colocavam a seguir o restante da tropa por meio do olfato. A forma de atrair os porcos pelo caminho consistia na distribuição de milho, ou seja, na frente da tropa seguia uma mula com bruacas carregadas de milho e um menino que fazia a distribuição do alimento. (MACEDA, 2005)

Na condução dos porcos, os porcadeiros contavam com a ajuda de cães treinados, chamados de cães porqueiros. Para facilitar o controle durante a viagem, os porcos eram divididos em lotes de cem ou duzentos animais (conforme se verifica na figura 1), que eram chamados de talhas. Para cada talha eram necessários de três a quatro tocadores. Havia, ainda a sobretalha, que era o que sobrava do número de porcos a serem entregues, para compensar as perdas durante a viagem, por extravio ou morte de animais. (BACH, 2009)

Figura 1: Tropeada de porcos com destino à Ponta Grossa



Fonte: BACH (2009).

Na frente da tropa ia a carroça ou os cargueiros com o material de apoio: ferramentas, roupas, lonas, comida, armas, etc. Em seguida, vinha o chamador com uma sacola de milho a tiracolo. Os peões tocadores iam ao meio da porcada cuidando das talhas e, sempre atentos, para evitar que a porcada estourasse com os bois. (BACH, 2009)

Quando os porcos estavam gordos eram tropeados a Ponta Grossa. Era muito porco: 700, 800, até 1.000 de cada vez. O chamador era chamado de ponteiro. Ele ia na frente jogando o milho. Havia também uma porca mansa que era a madrinha. A cada 15 ou 20 dias saía uma tropa de porcos. A marcha iniciava ao clarear do dia. Com o sol e calor, por volta das dez horas, suspendia-se a caminhada, reiniciando depois das quinze horas. Com o tempo nublado e com chuva, a marcha prosseguia o dia todo. (BACH, 2009, p. 94)

Durante a viagem, os porcos só recebiam alimentação quando o pouso era realizado em mangueiras. Fora isso, comiam capim e o que encontravam pelo caminho. Em alguns casos, conforme a região, a porcada ficava até vinte dias comendo capim, mas não estranhavam, pois eram criados dessa maneira no meio da mata. (BACH, 2009)

O local de pernoite dos tropeiros de porcos geralmente era próximo a uma bodega, onde houvesse uma mangueira da aluguel. E quando não havia, escolhia-se uma área grande e sem mato. O centro-sul paranaense beneficiou-se com a circulação das tropas em seu território, transformando essa atividade em sua principal fonte de renda, o que resultou na multiplicação de fazendas, de internadas, e no surgimento de diversas cidades pelos lugares em que eram realizados os pousos dos tropeiros. (VECCHIA, 2000)

[...] o uso permanente dos mesmos locais para os pousos transformou-os em posições fixas acompanhados dos fornecedores de serviços e bens. Como exemplo, pode-se citar o caso específico dos ferreiros, dos artífices especializados no trato com o couro, a oferta das aguadas, internadas e dos pastos seguros, dos celeiros e dos latoeiros. Na sequência surgem então os

oratórios, depois uma pequena capela até alcançar o status de freguesia. Na beira destes caminhos e locais de pouso aparecem, principalmente no século XIX, gradativamente abrigos e moradias em suas margens, formando uma espécie de corredor de desenvolvimento. Na sequência, com o aumento das tropeadas, novas ruas surgem por trás das primeiras casas, delineando os traços de um vilarejo ampliado. (SCHMIDLIN, 2000, p.95)

A partir da década de 50 as estradas começaram a melhorar e o transporte dos suínos deixou de ser no sistema de “tropeada”, ou seja, a pé, e passou a ser feito em caminhões. Entre outros motivos dessa crise no regime de acumulação de capital por meio da criação de suínos, estão: o avanço das indústrias da madeira, a chegada de novas técnicas de criação de porcos, a peste suína clássica, a substituição da banha por óleos vegetais, a produção de porcos atrelados as grandes cooperativas ou empresas como a Sadia e Perdigão, e a modernização da agricultura, juntamente com a chegada de um novo modelo baseado na monocultura da soja para exportação. (WACHOWICZ, 1988)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação de porcos e as tropeadas foram um dos momentos em que a agricultura camponesa no território pitanguense melhor se desenvolveu, pois fazia parte diretamente dessa forma de acumulação de capital, atraindo mais população para o campo. A atividade tropeira foi o primeiro contato dos caboclos que habitavam, secularmente, a região da Serra da Pitanga, com um modelo de economia capitalista, que introduziu a monetarização nas relações de troca regionalmente.

A importância da criação de porcos para a região se expressa, também, justamente no seu fim, pois esse foi o momento de desorganização final do modo de vida caboclo, sendo assim silenciado essa forma de viver, isso quando se pensa num personagem importante da história do Paraná, que merece reconhecimento e todo o esforço possível para emergir das "sombras da historiografia".

Mas, o fim dessa atividade significou um duro golpe sobre a agricultura camponesa e dos trabalhadores rurais envolvidos no processo que abarcava a criação e comercialização de porcos, pois acabaram ficando expropriados de trabalho e de renda, sendo, posteriormente, absorvidos como mão de obra nas madeiras. O declínio do tropeirismo também prejudicou muito os camponeses, pois os tropeiros que realizavam a ligação econômica destes com o mercado de outras regiões do estado simplesmente pararam de existir e se fixaram mais na cidade ou em pequenos sítios, ou, ainda, sendo agregados ou funcionários de fazendas.

Os circuitos econômicos que então vieram, trouxeram mudanças organizacionais no modo como a reprodução social vinha se desenvolvendo em território pitanguense, onde os camponeses ficaram cada vez mais para as margens das prioridades da economia e do próprio Estado, já que a atividade econômica foi se mecanizando e passando a exigir cada vez menos mão-de-obra e cada vez mais capital, grandes propriedades e tecnologia de ponta, gerando, poucas décadas depois do fim áureo do tropeirismo de porcos, novas feições socioeconômicas regionais e, conseqüentemente, novos elementos e coisificações na formação socioespacial.

NOTA DO EDITOR – Para conservar o original deslocamos o título, o resumo e as palavras chave em língua espanhola após o texto.

Arrieros de Cerdos: La Importancia de los Arrieros Y De La Porcicultura En La Formación Socio Espacial Y Socio Económica De Pitanga (Paraná).

Resumen

El objetivo central del artículo es contribuir con el estudio de la creación de cerdos y de los arrieros de cerdos en la formación socio económica y territorial de Pitanga, en la región Centro-Sur de estado de Paraná. Como el arrierismo es uno de los elementos que hicieron parte de la formación socio espacial de muchas ciudades brasileñas, se buscó demostrar las definiciones de los conceptos de acuerdo con algunos autores, especialmente haciendo caracterización de la alimentación, de sus indumentarias, de la jerarquía y las diferentes funciones existentes entre sus integrantes, las dificultades encontradas a lo largo de los caminos arrieros y otros aspectos. Fueron explicados también el modo como eran hechas las creaciones de cerdos y su comercialización. La metodología utilizada tiene base en referenciales teóricos que tienen el tema como fuente secundaria, además de trabajos de campo hechos con entrevistas en la ciudad de Pitanga, fuentes primarias del análisis, con personas vinculadas a la creación de cerdos.

Palabras claves: Arrieros, creación de cerdos, formación socio económica, Pitanga/PR.

REFERÊNCIAS

ALBINO, M. B. **“As Mulheres que fizeram história fora da estrada”** – Tropeirismo: um estudo de gênero. Monografia. Universidade do Estado de Santa Catarina, 2001.

BACH, A. M. **Porcadeiros**. Ed. Estúdio Texto. Ponta Grossa, 2009.

BACH, A. M. **Tropeiros**. Ed. Estúdio Texto. Ponta Grossa, 2010.

ENDLICH, A. M. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades**. Presidente Prudente: Editora Unesp, 2009.

FAVARO, J. L. **Geografia da política de desenvolvimento territorial rural: sujeitos, institucionalidades, participação e conflitos no território da cidadania** Paraná Centro– Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

FRAGA, N. C. (Org.). **Territórios e Fronteiras: (re)arranjos e perspectivas**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2011.

KNOBLAUCH, K. V. **A estruturação sócio-espacial do sistema tropeiro** – o caso do caminho das tropas entre Palmas e União da Vitória/PR. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007.

LIMA, **Reflexões acerca de aspectos históricos do município de Boa Ventura de São Roque e entorno** como subsídios ao Ensino de Geografia. VII Congresso Nacional de Geógrafos, 2014.

MACEDA, E. **Tropeiros e Carreiros em Araranguá – SC (1920 - 1950)**. Monografia. UNESC, 2005.

OLIVEIRA, S. C. **O Tropeirismo como Meio de Transporte**. In: SANTOS, L. M. S.; VIANNA, M. L. C.; BARROSO, V. L. M. (orgs) Bom Jesus e o Tropeirismo no Brasil Meridional. Porto Alegre: EST, 2000.

PAULA, A. M. **Faces da expropriação e da desterritorialização camponesa em Pitanga-PR**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 2015.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, R. W. **As Tropeadas de porcos e as transformações na cultura cabocla - 1950-1980**. In: XXIV Simposio Nacional de História - 2007, 2007, São Leopoldo. História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos: anais do XXIV Simposio Nacional de História - ANPUH. São Leopoldo: Unisinos, 2007. v. cdroom.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo, Editora HUCITEC, 1996.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Sociedade e espaço**: a formação social como teoria e como método. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n 54, p. 35-59, jun. 1977.

_____. **Por uma Geografia nova**: da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: EDUSP, [1978] 2004.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**. Território e Sociedade no início do século 21. Rio de Janeiro: Record (16ª edição), 2012.

SANTOS, M. et al. **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: AP&A, 2 ed. 2006a. p. 13-23.

SCHMIDLIN, H. P. **PR: Convergência de Caminhos**. In: SANTOS, L. S. S. et al (Org.). Bom Jesus na Rota do Tropeirismo no Cone Sul. Porto Alegre: EST., p. 94-7, 2000.

SILVA, M. **Análise Política do Território**: Poder e Desenvolvimento no Centro-sul do Paraná. Tese de Doutorado. UNICENTRO, 2005.

STRAFORINI, R. **No caminho das Tropas**. Ed. TCM-Comunicação. Sorocaba, 2001.

TRINDADE, J. B. **“Tropeiros”**. São Paulo, Editoração Publicações e Comunicações Ltda, 1992.

VECCHIA, R. V. R. D. **Os caminhos e o tropeirismo em Guarapuava**. Guarapuava/Assis: UNESP/UNICENTRO, 2000. (Dissertação de Mestrado)

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

ZUCCHERELLI, M. A **“Rota dos tropeiros”** – Projeto turístico na região dos Campos Gerais: um olhar antropológico. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008.